

13–25.02.2015

Galeria dos Leões
Reitoria da U. Porto
Praça Gomes Teixeira

SUBSTRATOS NATURAIS

Ana Margarida Rocha

SUBSTRATOS NATURAIS

ANA MARGARIDA ROCHA

Partindo de um profundo interesse pela natureza, procura-se explorar o processo pictórico do fazer da imagem, em relação direta com os processos físicos que constroem a paisagem. Com base nos meios tradicionais da pintura, do desenho e da gravura, os seus limites são testados pela exploração do potencial expressivo de conceitos processuais e formais, a partir do processo mediado da aquatipia e pela aplicação a substratos dotados de qualidades específicas de transparência: vidro, polipropileno, poliéster e acetato de celulose.

CONSTRUTORA

SOBRE ÁGUA

GRACIELA MACHADO

Numa antecipação do programa do Ijup2015, cabe-me introduzir como surge a exposição “Substratos naturais” de Ana Margarida Rocha. Sigo o percurso da agora *alumni* da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, desde o ano de 2010, quando se inscreveu a uma unidade optativa pela qual estou responsável. Apesar de discreta, deixou de o ser, quando, definiu um propósito nessa data de execução à partida muito condicionado: imprimir sobre vidro.

Volto atrás, à origem da construtora sobre água, Ana Margarida Rocha, à procura daquilo que começou como pretexto e ao qual deu forma, e que se verifica, a continua a fazer caminhar. Faz-me ainda sorrir essa ideia levemente absurda formulada a partir de um total desconhecimento tecnológico. Agora sei, esse momento não era mais do que o modo como começava a pensar. O enredo, encontrou-o pela gravura, pela pintura, nessa mobilidade e ausência de fronteiras que a caracteriza como autora. Já o contexto académico de investigação, permitiu ainda a sua inclusão como estudante de licenciatura e depois mestrado num projeto pluridisciplinar paralelo, e que acabou por tomar a sua premissa como base para uma prospeção exaustiva das suas variantes.

O pretexto para este início não é académico, e continua bem presente para todos os que sobem as escadas de acesso às oficinas: a caixa de escadas do pavilhão de tecnologias. No exterior, o jardim com as árvores, os efeitos de luz, sombra e ritmos que tornam a subida única, cada vez que se percorre, com os vidros a separarem esses dois espaços, pavilhão de tecnologias e um fragmento de natureza.

Volto a lembrar, quando Ana Margarida Rocha formulou esse propósito, trazer o exterior para o interior diretamente sobre essa membrana fina que nos separa, o vidro, a partir de um exercício em grupo, já se vinha a mostrar, persistente, pelo modo como revia o óbvio, não sem antes esgotar o que era necessário compreender como exercício. Os trabalhos, dos mais pequenos aos que cresciam, em extensão ou dimensão, sobre papel, com as técnicas apreendidas, ensaiavam, num diálogo permanente entre a matéria e a imaterialidade que dela se extrai, o visível, o tátil e o que intuía como necessário.

Mas numa prática em que a natureza se torna tema, com a permanência da luz que a atravessa, a transparência entre camadas que se contaminam, a presença de processos de continuidade e reinvenção da construção de silhuetas recortadas, em que são os próprios processos que replicam os meios da natureza, não são tanto estes, os elementos que reemergem continuamente, que marcam a capacidade de interpelação dos seus trabalhos. O que não é comum tem origem no percurso, ao longo do qual tais sensações e encantamento se fazem corresponder reiteradamente por trabalhos que fixam o gesto e suspendem a imagem.

Hoje reencontro tudo isto, a par da relação obstinada com a série, lenta, e a procura consequente das suas qualidades mais subtis, gravadas, recortadas, ou simplesmente tintadas dos primeiros exercícios. E o que se procura num estudante ou investigador: que a hipótese se torne desafio e este em verdade do próprio.

SEDIMENTAÇÕES ESTRATIGRÁFICAS

TERESA ALMEIDA

A partir do conhecimento dos processos físicos com que a natureza constrói a paisagem, Ana Margarida Rocha enceta um trabalho pictórico, alicerçado em metodologias e técnicas várias, no sentido da obtenção de obras resultantes da interacção do espaço, tempo e matéria. Sendo a paisagem testemunho das diferentes formas de olhar o mundo ao longo dos tempos, é notória a recusa do recurso à perspectiva Renascentista nos trabalhos agora apresentados, verificando-se antes uma visão vertical, ao que Ana Margarida refere o “olhar de Apolo”.

É pois uma atitude consentânea com as leituras dos dias de agora, face às imagens que nos chegam via satélite, ou às panorâmicas que fruímos nas viagens aéreas. São imagens que pela distância e perpendicularidade, se revelam abstractas, mas portadoras de grande unidade estrutural. Dá para ver as alterações que se vão processando ao longo do tempo. Degelo, desertificações, demografias. Assim, é possível acompanhar a todo o momento o aspecto da superfície do planeta de um modo global e ao mesmo tempo focalizar e identificar alterações, numa escala acessível ao nosso olhar, e perceber que as estruturas se repetem independentemente das suas escalas.

Da observação dos fenómenos ambientais e dos padrões criados pela dinâmica da natureza, como sedimentações, erosão, forças tectónicas, fogo e fluidos, tudo baseado nas interacções do micro e macrocosmos, resulta todo um processo criativo, experimental e analítico, levado a cabo por Ana Margarida. A paisagem construída pela natureza é pois fonte de estímulos e ponto de partida para trabalhar as noções de espaço, tempo e matéria.

O trabalho desenvolvido pela Ana Margarida Rocha, situa-se no hibridismo, entre a pintura e as técnicas de impressão, elegendo a técnica da aquatipia aliada a suportes fora do convencional, como o vidro, acetato de celulose e ainda o polipropileno. Suportes onde a transparência predomina, e onde a mesma é procurada como uma linguagem de expressão.

A transparência marca uma presença forte no seu trabalho, não só através das sobreposições de manchas, como também dos reflexos produzidos pelas sombras projetadas nas paredes, ou ainda de pequenos relevos patentes nas peças.

A transparência é uma constante, na presença, na procura. O seu trabalho caracteriza-se por uma componente laboratorial intensa, de uma busca e recolha, pesquisa e sintetização. Uma investigação tecnológica, onde várias técnicas foram exploradas, desde a gravação com pontas de diamante e pasta de acidulação, à aquatipia, pintura, fusão, sandblasting, slumping com molde e sem molde.

Uma procura tecnológica, é certo, com metodologias coerentes e concisas, mas sempre associada a uma forte prática artística, a uma prática pictórica, uma prática de Pintura.

Utilizando múltiplos elementos da natureza, como pormenores de uma forma rochosa, imagens aéreas dos percursos de um rio e as suas sedimentações, ou de um solo ressequido, cartas topográficas, Ana Margarida reedifica paisagens numa linguagem plástica de sobreposição de camadas sobre camadas e curvas de nível metamorfoseadas. É neste processo acumulativo que a ideia de depósito se encontra patente.

Na matéria, temos a água como veículo, o papel como transporte e o fogo como o transformador dessa matéria. Num decorrer de várias etapas, desenho, composição, transferência, decalques, máscaras, manchas e estrato sobre estrato, a sua pintura emerge, ganha forma, adquire corpo. Na trans- parência as leituras, as sobreposições da forma, registos do tempo.

Este trabalho está integrado, e foi desenvolvido no projeto pluridisciplinar IJUP 2011, no262 “Vidro e Impressão: criação de matrizes e substratos de impressão alternativos”. Este projeto pluridisciplinar visa explorar várias hipóteses de modelação e impressão, onde o vidro é o suporte a ser utilizado.

Foi na Licenciatura que Ana Margarida se integrou na equipa. Numa abordagem experimental desenvolveu testes, técnicas e meios de expressão que depois transportou para a sua pintura. E, numa fase anterior a este projeto, também no decorrer da sua licenciatura, iniciou-se na arte do vidro, numa vertente pictórica que deixava antever novas possibilidades de expressão, uma linguagem poética. No decorrer do mestrado a complexidade da pesquisa aumentou, novos e inúmeros testes surgiram e foram levados até à exaustão permitindo a descoberta de novas diretrizes.

Nesta exposição, são apresentadas obras desenvolvidas no mestrado de Pintura decorrido de 2012/14. Algumas obras foram já apresentadas em exposições, Healing Painting (2014), Em Suma e D-Light-Full (2013).No entanto aqui entram obras novas e originais pensadas para este espaço e apresentadas pela primeira vez ao público. É o exemplo o trabalho final de mestrado, uma obra que vai para além do bidimensional, que se propaga para além da ideia clássica da pintura, dialogando com vários elementos e adquirindo um cariz de instalação. Os vários elementos interligam-se entre si, comunicando. Lentes viciam o olhar do espectador.

Obras de uma beleza subtil, o trabalho que aqui se apresenta é o culminar de um percurso, de experimentações e diálogos e a procura de um novo e renovado desafio.



Ficha Técnica Substratos Naturais, Ana Margarida Rocha, IJUP 2015
Local e data Galeria dos Leões, Reitoria da Universidade do Porto,
Praça Gomes Teixeira, 4099-002 Porto, 13-25 de fevereiro de 2015
Curadoria e Coordenação Graciela Machado
Produção Museu, FBAUP
Design de Comunicação Márcia Novais/Gabinete de Comunicação da FBAUP
Divulgação Cristina Gomes e Márcia Novais
Montagem Tiago Cruz e Artista em exposição
Fotografia João Lima

Para esta exposição, foram impressos 10 cartazes em serigrafia nas Oficinas de Técnicas de Impressão, por Catarina Marques, a partir do design de Márcia Novais.